

## **PROJETO: FÉ E CULTURA**

### **Obras Espirituais de misericórdia**

**Fabiane Pasa<sup>1</sup>**

O *Catecismo da Igreja Católica* no artigo: 2447 esclarece sobre as obras de misericórdia. Essas são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência.

“Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem quem tiver o que comer, faça o mesmo” (Lc 3,11).

Neste nosso mundo globalizado, se faz cada vez mais necessário o diálogo interdisciplinar, visando ao bem-estar de todos os homens, e do homem como um todo. As pessoas procuram ajuda pastoral nas mais diferentes situações de suas vidas. O individualismo e o isolamento são marcas de um mundo pós-moderno, onde tudo está sujeito às relações, às leis de mercado, até mesmo às leis interpessoais. A consequência é a experiência cada vez maior de solidão e depressão, por isso a necessidade de relações pessoais autênticas é grande.

Não há lugar mais terapêutico do que relações humanas sadias. Sabemos que a Igreja em seu sentido primaz, tem como fundamento a pregação do evangelho. O nosso objetivo não é confrontar a ciência com a fé ou mesmo com preceitos bíblicos, mas deixar clara a necessidade de uma ação da fé em conformidade com a ciência no sentido de um crescimento do ser humano. Assim escreve o Papa João Paulo II: “A Fé e a Razão constituem como que duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”.<sup>2</sup>

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde não como ausência de doença, mas, sobretudo, como bem-estar biológico, psicológico, social e espiritual. A

---

<sup>1</sup> Psicóloga e mestre em Teologia.

<sup>2</sup> Carta Encíclica *Fides et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II, aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão, 1998.

vida deve estar em harmonia nessas esferas. Cada esfera do desenvolvimento deve ser muito bem orientada, trabalhada e desenvolvida de forma que se chegue ao equilíbrio.

Definir o sofrimento humano é uma tarefa desafiadora num contexto em que sua presença tornou-se diária na vida de tantas pessoas. É uma sensação de um profundo perder-se que atinge o pensamento, o sentimento, o corpo. Negá-lo é evocá-lo. Na psicologia, o sofrimento está ligado à dor. Evidentemente, ao falarmos sobre o sofrimento é impossível não adentrarmos na dinâmica dos personagens mencionados na vivência do mesmo: as pessoas, a fé, o panorama vivencial. Como podemos perceber, não existem conceitos que, por si mesmos, consigam explicar o sofrimento na sua totalidade. O sofrimento não é conceituado com argumentos lógicos, teológicos e científicos puros. O sofrimento pode atingir o ser humano independentemente de sua crença. Convivemos com o sofrimento, mas isso não quer dizer que o aceitamos.

O isolamento pode impactar alguém que, convivendo numa comunidade de fé, sente-se excluído porque não consegue aceitar as explicações mais comuns para o sofrimento como: *foi vontade de Deus*. De certa forma, o que pode de um lado trazer certo consolo, pode mascarar o que verdadeiramente a pessoa está sentindo naquele momento. O sofrimento faz calar argumentos da fé que não incluem o não respondível, que está nas entranhas de cada um/a de nós.

O cristão e a Igreja, conseqüentemente, devem fazer a diferença em seu meio, e para tanto é preciso conscientizar-se da importância de uma conduta correta refletindo o caráter de Cristo em sua vida. Schipani fala que “a Igreja como comunidade da sabedoria é chamada a tornar-se um sinal vivo do reino de Deus em sua prática e reflexão sobre o que significa ser humano no século XXI”.<sup>3</sup>

A palavra: *Misericórdia*, etimologicamente deriva do latim: miser (miséria) + cordis (coração). A misericórdia de Deus para com o homem interpela o homem a ter compaixão com os mais fracos e com quem sofre.

As obras são, portanto divididas em dois grupos:

---

<sup>3</sup> SCHIPANI, D. S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*, p. 89.

As obras de misericórdia corporais, que são:

*Dar de comer a quem tem fome; Dar de beber a quem tem sede; Vestir os nus; Dar pousada aos peregrinos; Assistir aos enfermos; Visitar os presos; Enterrar os mortos.*

As obras espirituais de Misericórdia contem os seguintes cuidados com o ser humano:

**a) Dar bom conselho**

- É o dom de orientar e ajudar a quem precisa.

O perfil do ser humano urbano:

- ✓ Objetivo e prático/ Muitas frentes para resolver
- ✓ Tecnológico/ Contestador e crítico/
- ✓ Observador
- ✓ Violência de consumo- Sensação de fracasso (pelo não ter)
- ✓ Necessidade de ser aceito e compreendido
- ✓ Individualismo exacerbado
- ✓ Intolerância ao “não” e à frustração.
- ✓ Medo do sofrimento
- ✓ Não quer comprometer-se
- ✓ Necessidade de **eternizar** o presente
- ✓ Negação de sua finitude
- ✓ Auto valorização /individualismo narcísico

No gesto misericordioso de aconselhar, pode-se dar uma luz a quem necessita de conselho. Portanto, em vários casos, o aconselhador pode assumir uma postura de “suposto saber” impondo com isso seu conselho como verdade absoluta. Por isso, a questão maior não é *como posso ajudar e o que devo dizer?* A questão fundamental é *o que ele ou ela quer partilhar comigo?*

Algumas sugestões podem auxiliar o conselheiro:

- *Manifestar acolhimento e disponibilidade:* colocar-se à disposição para escutar, prestando atenção no que a pessoa tem a dizer.

- É importante colocar-se à disposição sem invadir o sofrimento do outro.
- *Ter respeito incondicional*: permitir que a pessoa chore e desabafe da maneira que desejar sem sentir-se julgada ou criticada.

#### **b) Ensinar os ignorantes (instruir)**

- Secularismo e o pluralismo religioso
- Instruir não é simplesmente transmitir conhecimentos. É auxiliar a construir a sua caminhada de fé.
- Estágios da fé: Cada pessoa tem sua hora de encontrar a “verdade”. É a partir disto que nasce a missão de instruir da Igreja, dos pais, dos catequistas e de todos nós.
- Catequisar é evangelização quando faz ecoar.
- Testemunho de vida é muito importante.

#### **c) Corrigir os que erram**

- Com que intenção se corrige uma pessoa?

Em vários casos, a correção é muito mais uma necessidade de afirmação de quem o faz, do que o desejo de crescimento da pessoa (considerada errada). Todo o cristão deve questionar-se mediante a correção que fará ao irmão para que o faça efetivamente com misericórdia.

#### **d) Consolar os aflitos**

Nosso Senhor Jesus Cristo deu-nos muitos exemplos de consolação, lembremos principalmente, seu empenho em consolar Marta e Maria na morte de Lázaro (Jo 11, 19). Mas, aliviar, diminuir dor, ou sofrimento moral e espiritual deve acontecer também da parte dos irmãos, como recomenda São Paulo: “Consolai-vos mutuamente e edificai-vos uns aos outros.” (1Tes 5, 11).

A atitude de consolar apresentada como uma obra de misericórdia, mais do que nunca, torna-se uma virtude cristã a ser exercitada no cotidiano. Por isso é fundamental considerar os aspectos a seguir:

- *Evitar fazer comparações*: em muitos casos, para consolar, compara-se um caso a outro. A pessoa enlutada precisa ser tratada com individualidade.

- *Evitar certas falas que nada significam*: *tudo é vontade de Deus; você tem que mostrar que é forte, coragem, tinha que ser assim, você tem que se ajudar*.

- *Preparar-se para suportar o sofrimento da pessoa enlutada*: as expressões citadas acima são ditas justamente porque se quer amenizar o próprio desconforto perante o sofrimento do outro. É fundamental o desenvolvimento da empatia, ou seja, de colocar-se no lugar de quem sofre. Assim, é possível dar suporte podendo dizer: *estou aqui com você, respeito o modo como se sente; estou aqui, vim lhe fazer uma visita; também não sei a razão de tudo isso; imagino como você se sente*.

#### **e) Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo**

A comunidade cristã contradiz a cultura do narcisismo, reconhecendo e respeitando o sofrimento dos enlutados e, ao mesmo tempo, contrapondo a esperança da ressurreição e a experiência do renascimento para a vida. Estar presente oferecendo-se como companhia, às vezes é muito mais significativo do que as palavras. Muitas vezes o doente ou o enlutado não está fazendo uma pergunta e sim um desabafo.

O gesto amigo de acompanhar uma pessoa que sofre traz acolhimento e respeito à dor do outro. Nos casos de sofrimento profundo também é salutar silenciar. A Bíblia apresenta o sofrimento de Jó e a presença de seus amigos, cujo silêncio foi mais eficiente do que muitas palavras.

Três amigos de Jó – Elifaz de temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat – ao inteirar-se da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consola-lo. Quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça.

Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento (*Jó 2, 11-13*).<sup>4</sup>

O psicólogo americano Worden denominou quatro desafios ou *tarefas* que uma pessoa enlutada ou que sofreu determinada perda, deverá enfrentar para conseguir ressignificar sua vida depois da perda. São eles:<sup>5</sup>

- *Admitir a perda como real*: essa atitude supõe saber o que acontece, aceitando a realidade da perda, ao mesmo tempo elaborando um entendimento real de por que aconteceu e o que aconteceu.

- *Permitir-se reagir*: uma vez que a pessoa está enfrentando o que aconteceu, deve se permitir poder expressar espontaneamente a sua dor. Essas expressões são múltiplas e podem se alternar como já visto anteriormente.

- *Reorganizar a vida*: está presente aqui o desafio de reaprender e reacomodar suas atividades, papéis ocupados de maneira diferente pelo enlutado mediante a falta da pessoa que morreu. É o momento em que o enlutado passará por mudanças nesse ajustamento, incluindo suas crenças acerca do sentido da vida.

- *Reconectar-se*: esse desafio significa, pouco a pouco, ir se abrindo para a vida social, ou seja, trabalho, amigos, voltar a se divertir, fazer novos planejamentos.

#### **f) Perdoar as ofensas**

Nos Evangelhos encontramos uma estreita vinculação entre perdoar e curar. O perdão tem um indubitável efeito *terapêutico*, e a cura dos enfermos é revelação da presença da misericórdia de Deus. Em seu caminho Jesus cura perdoando os pecadores e dando vida aos que estão envolvidos nas amarras da enfermidade e da morte. A experiência de sentir-se perdoado impulsiona o enfermo para além da sua situação vivida. É, portanto, um elemento prévio à cura.

---

<sup>4</sup> Livro de Jó. Antigo Testamento.

<sup>5</sup> Cf. WORDEN, W. *Terapia do luto*: um manual para o profissional da saúde mental, p. 25-29.

No NT, alguns textos nos fazem perceber que o perdão reconciliador de Deus é necessário para vivenciar e reconhecer a cura. Ex: paraplítico toma seu leito e caminha curado como sinal do perdão dos pecados (Mc. 2,1-12). A reconciliação é um dom que gera harmonia e paz. Em Jesus, as curas se convertem em resposta de Deus à dura realidade da condição humana marcada pelo sofrimento e exclusão e que clama uma contínua *recriação* por parte de Deus.

Jesus é presença visível da misericórdia recriadora de Deus. Nesse sentido, perdoar é recriar. Deus recria o ser humano a cada instante. Cada dia que passa é um perdão sempre novo, pessoal, criativo, mas também discreto e silencioso. Um perdão que abre um futuro cheio de possibilidades; um dom que permite o ser humano ir além de si mesmo. Só o amor misericordioso de Deus reestrutura as pessoas por dentro, abrindo-lhes horizontes maiores de coragem, responsabilidade e compromisso. O perdão aparece no ministério de Jesus, como elemento terapêutico de uma práxis de regeneração que faz com que o ser humano viva, apesar do pecado, e cujo primeiro suposto terapêutico é a *misericórdia*.

#### **g) Rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos**

Na oração sacerdotal Jesus rogou a Deus pelos seus e por todos que em todos os tempos viriam a serem seus discípulos, isto é por todos nós (*Jo 17*). Em várias outras passagens dos Evangelhos Jesus retirava-se para rezar, entre elas cito: Mt 14, 23; Mt 26,36; Mc 6,46; Lc 3,21; Lc 5,16.

Podemos até identificar uma pessoa pela oração que ela faz a oração egoísta, indica um espírito egoísta. Orações que mais parecem lista de compras ou de presentes: Senhor quero isto, isto e aquilo.

A oração pelos mortos é necessária e está fundamentada na Sagrada escritura. Sabemos que a morte não é o fim, mas o começo de uma nova vida. Um dia, todo nosso ser, até o nosso corpo, há de ressuscitar. Quem crê e vive com Cristo, ressuscitará para a vida, a felicidade, o amor eterno do céu, com Deus e com todos os santos.

É certo rezar pelos mortos. O livro dos Macabeus ordena a oração pelos mortos, dizendo: "É um santo e salutar pensamento este de orar pelos mortos" (Cf 2Mc 12,42-

45). A mesma convicção esteve entre os primeiros cristãos e permanece, entre nós até hoje. Isso nos mostra que podemos e devemos oferecer missas e orar por aqueles que já se foram. Vejamos bem, nós não entramos em contato com os mortos, pedimos a Jesus por eles.

As inscrições nas catacumbas, cemitérios cristãos dos primeiros séculos, incluem votos para que os defuntos encontrem repouso e consolação. Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu preces em seu favor, principalmente missas, recomendando, também, esmolas, indulgências e obras de penitência em favor deles. É esse um dos modos de viver a *Comunhão dos Santos*, verdade de fé que a gente lembra todas as vezes que reza a Profissão de Fé, o Credo.

O nome *Comunhão* lembra comum união, união de todos. Por essa comum união, há um intercâmbio de preces, o que chamamos *de bens espirituais*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um indivíduo nasce, já encontra uma estrutura pronta para recebê-lo. No decorrer de seu crescimento, ele não se adaptará a muitas questões que são consideradas normais para outras pessoas. Isso lhe trará conflitos interiores entre aquilo que pensa ser o correto e aquilo que todos dizem ser o certo. A estrutura política, social, financeira, familiar e outras vigentes durante o tempo de existência de uma pessoa, poderão trazer problemas que exigirão maiores cuidados pastorais.

As relações, os processos e as estruturas sociais, enquanto formas de dominação política e apropriação econômica, produz uma história de vida de muitas pessoas, plena de diversidades, disparidades, desigualdades, antagonismos. As condições de sobrevivência, o trabalho das diversas categorias profissionais e as classes sociais é de fundamentais importâncias para uma análise e identificação dos problemas de origens sociais.

Identificada à origem das dificuldades da pessoa que busca ajuda pastoral, é necessário avaliar as opções de soluções existentes que favoreçam uma mudança de vida por parte de quem precisa passar pelo processo de libertação. A psicologia pastoral é um caminho fundamental para que a Teologia, a exemplo do Cristo crucificado-

ressuscitado, consiga cuidar daqueles que buscam sentido e orientação na vida através da fé.

Quando Deus criou o homem e a mulher, concedeu-lhes a capacidade de dominar e administrar. Isso implica em que, a pessoa está dotada de meios para gerir sua vida e transformar o que for necessário para que tenha uma vida melhor. Essa capacidade administrativa é como uma chama que a pessoa carrega dentro de si. O cuidado pastoral orientado por esse modelo implica em dar vigor a essa chama, a essa energia que a história e as circunstâncias, às vezes, conseguem enfraquecer.

A sociedade atual conseguiu desenvolver uma comunicação superficial em que se fala muito, mas sem interação pessoal, sem revelar quem realmente é o falante e quem é o ouvinte. Os relacionamentos atuais são úteis para a manutenção dos vínculos de amizade dentro de um grupo ou comunidade, mas pouco revela da personalidade, do caráter, do jeito de ser dos indivíduos, porque eles se escondem nas mais diversas formas.

A psicologia pastoral desenvolve a interação pessoal, em que as habilidades relacionais são utilizadas para facilitar o processo de exploração pessoal, esclarecimento e mudança em relação a comportamentos, sentimentos ou pensamentos indesejados. Através do amadurecimento da fé, a pessoa não fica sozinha, isolada, mas descobre que seu envolvimento com a comunidade cristã pode lhe proporcionar momentos agradáveis em que seus traumas interiores sejam ressignificados através do relacionamento, da comunhão e confraternização cristã.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral*. Modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes* In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARTA ENCÍCLICA *FIDES ET RATIO* do Sumo Pontífice João Paulo II, aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão. Cidade do Vaticano, 14 de novembro de 1998.

FOWLER, James. *Estágios da Fé: A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido*. SP: Vozes, 1981.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a Morte e o Morrer*. 9. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LOTHAR, Carlos Hoch; ROCCA, L. Susana M.. *Sofrimento, Resiliência e Fé: Implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

PARKES, Colin Murray. *Luto. Estudos sobre a perda na vida adulta*. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1998.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

WORDEN, William. *Terapia do luto: um manual para o profissional da saúde mental*. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.